

**COMO O ACADÊMICO  
LGBTQIA+ COMPREENDE-SE  
NO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO:  
um estudo de caso no Curso de  
Licenciatura em Ciências  
Humanas/Sociologia da  
UFMA/ Imperatriz**

**HOW THE LGBTQIA+  
ACADEMIC UNDERSTANDS  
HIMSELF IN THE  
UNIVERSITY SPACE: a case  
study in the Human Sciences /  
Sociology Course of UFMA/  
Imperatriz**

*Fernando Brasil Alves\**  
*Amanda Silva Araújo\*\**  
*Edson Ferreira da Costa (Dr.)\*\*\**  
*Francisco Wilson Leite da Silva\*\*\*\**



Imperatriz (MA), v. 4, n. 7, p. 62-14, jul./dez. 2022  
ISSN 2675-0805

Recebido em: 17 de fevereiro de 2022

Aprovado em: 01 de março de 2023

## RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo exploratório e analítico sobre a orientação sexual dos estudantes que ingressaram no curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão, Campus de Imperatriz, no ano de 2019. Buscou-se, através de instrumentos de coleta de dados como questionário de múltipla escolha e entrevistas semiestruturadas, analisar como os sujeitos autodeclarados gays, lésbicas ou bissexuais vivenciam sua orientação sexual no espaço da universidade. Fundamentando-se em alguns estudos de Foucault (1985;1988), Butler (2020) e Beauvoir (1970; 1980), a categoria da sexualidade foi analisada sob o viés sociopolítico com vistas a entender como as relações sociais interferem nas vivências subjetivas da

\* Graduado em Ciências Humanas/Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); e-mail: fbrazil5cj@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6605-8876>.

\*\* Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas (LCH/Sociologia) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: amanda.sa@discente.ufma.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3778-5692>.

\*\*\* Professor do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas (LCH/Sociologia) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de Imperatriz. E-mail: ferreira.edson@ufma.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6116-9550>.

\*\*\*\* Graduado em Ciências Humanas/Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); E-mail: wilsonleitez@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-8629-8308>.

orientação sexual dos sujeitos da pesquisa. Os dados coletados apontam uma entrada de estudantes homossexuais, mas que, por fatores sociais, procuram manter o sigilo de sua orientação por medo de discriminação por parte da família ou de pessoas que fazem parte do seu convívio.

**Palavras-chave:** LGBTQIA+. Diversidade Sexual. Ensino Superior.

## ABSTRACT

This work presents an exploratory and analytical study on the sexual orientation of students who entered the Human Sciences/Sociology Course of the Federal University of Maranhão, Campus de Imperatriz, in 2019. Multiple choice questionnaire and semi-structured interviews were used to analyze how subjects self-declared as gay, lesbian or bisexual experience their sexual orientation in the university space. Based on some studies by Foucault (1985; 1988), Butler (2020) and Beauvoir (1970; 1980), the category of sexuality was analyzed from a sociopolitical perspective in order to understand how social relations interfere in the subjective experiences of the sexual orientation of the research subjects. Collected data point to an entry of students who are homosexuals, but who, due to social factors, try to maintain secret for fear of being discriminated by their family or people who are part of their everyday life.

**Keywords:** LGBTQIA+. Sexual Diversity. College education.

## 1 Introdução

Este trabalho é parte de um projeto interdisciplinar realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Epistemologia e Educação (GEPEE), entre os anos de 2019 e 2021, tendo como público-alvo os estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão, Campus de Imperatriz. Trata-se de um estudo exploratório e analítico sobre a orientação sexual dos estudantes ingressantes no curso em 2019.

Esse recorte foi realizado após a identificação de um número de estudantes que se autodeclararam gays, lésbicas e bissexuais em um questionário socioeducacional com questões fechadas sobre aspectos pessoais, familiares e sociais aplicado presencialmente no início da pesquisa de campo do projeto, pois esse dado nos motivou a investigar como esse fenômeno da autodeclaração tem relação com a compreensão dos estudantes sobre suas próprias histórias de vida. Para tanto, foram realizadas entrevistas para coletar dados sobre como esses sujeitos vivenciaram o processo de descoberta e afirmação de sua identidade sexual, e principalmente, como se compreendem no espaço universitário a partir da sua orientação sexual.

Nosso principal objetivo foi analisar como os sujeitos autodeclarados gays, lésbicas ou bissexuais vivenciam sua orientação sexual no espaço da

universidade. Para isso, além de fazermos um resgate narrativo sobre os impactos das relações sociais quanto à orientação sexual, buscamos verificar como o espaço da universidade colabora no processo de compreensão da sexualidade dos sujeitos da pesquisa.

Acreditamos que o tema em questão tem desdobramentos não somente no campo da discussão formal, mas também no espaço público, por abordar problemas que estão diretamente relacionados a uma comunidade que se identifica em torno de uma condição existencial. Por esse motivo, o trajeto metodológico do estudo fundamentou-se na fenomenologia e na hermenêutica vivencial com o intuito de fazermos um estudo com maior centralidade nos relatos e, ao mesmo tempo, chegarmos a uma caracterização dos sujeitos da pesquisa considerando suas vivências. Além disso, foi utilizada a perspectiva da teoria queer desenvolvida por Judith Butler, que nos coloca diante do fenômeno contemporâneo da visibilidade da diversidade sexual e identidade de gênero.

## 2 Biografia do tema

Os estudos de gênero, sexualidade e diversidade sexual nascem entre as décadas de 1960 a 1980 da história contemporânea, época de grandes mudanças sociais desencadeadas pelas lutas das mulheres por direitos civis com vistas a conquistar espaços no mercado de trabalho, na política e na gerência sobre os seus corpos. De acordo com Grossi (2012), paralelamente às lutas por igualdade de direitos, levantam-se questões sobre a liberdade sexual por meio do movimento feminista e do movimento gay que passam a questionar as relações afetivo-sexuais no âmbito do espaço privado.

As feministas são fundamentais na discussão sobre a diversidade sexual ao rejeitarem o determinismo biológico e abrirem caminho para pensar a sexualidade em uma perspectiva dinâmica e múltipla. De acordo com Louro (1997), as feministas anglo-saxãs dirigem o foco da discussão para o caráter “fundamentalmente social”, para enfatizar o que social e historicamente se produz a partir de características biológicas.

Nesse cenário mundial, no campo da intelectualidade francesa, surge Simone de Beauvoir, que se destaca com seu debate sobre gênero e igualdade de direitos e condições, ao abordar questões fundamentais de sua época. Além de evidenciar a condição feminina de invisibilidade na sociedade patriarcal, pois parametrizada pela figura do masculino, em sua obra “Segundo sexo” rompe com o discurso biológico dominante que condicionava a mulher ao binarismo determinista. De acordo com Beauvoir (1970, p. 52-53), os

dados biológicos são de extrema importância: desempenham na história da mulher um papel de primeiro plano, são um elemento essencial de sua situação. Em todas as nossas descrições ulteriores, teremos que nos referir a eles [...] Mas o que recusamos é a ideia de que constituem um destino imutável para ela. Não bastam para definir uma hierarquia dos sexos; não explicam por que a mulher é o Outro; não a condenam a conservar para sempre essa condição subordinada.

Podemos observar que era comumente aceita a afirmação biológica que colocava o gênero feminino em um lugar frágil, lugar esse muitas vezes explicado pela fisiologia, que a priva de sua própria existência. Contudo, a partir dos estudos de Beauvoir, essa afirmação tornou-se insuficiente, pois as limitações fisiológicas não bastavam e não justificavam a condição da mulher enquanto um Outro invisível. Surge então a ideia de gênero enquanto uma construção social que parte das relações sociais e nelas se constrói.

Beauvoir expande seus estudos também para o campo da sexualidade, mesmo que de maneira mais breve. A filósofa discute a sexualidade feminina levantando algumas assertivas problemáticas que giram em torno da mulher lésbica e bissexual, refutando desde as afirmações que enclausuram essas mulheres considerando-as uma imitação do homem até as que tratam a lésbica como uma mulher frustrada:

Com efeito, o homem representa hoje o positivo e o neutro, isto é, o masculino e o ser humano, ao passo que a mulher é unicamente o negativo, a fêmea. Cada vez que ela se conduz como ser humano, declara-se que ela se identifica com o macho. Suas atividades esportivas são interpretadas como um “protesto viril”; recusam-se a levar em consideração os valores para os quais ela transcende, o que conduz evidentemente a considerar que ela faz a escolha inautêntica de uma atitude subjetiva (BEAUVOIR, 1980, p. 148).

A determinação feminina à enclausura na anulação da genuína expressividade de sua sexualidade, pois tudo o que dela parte, enquanto vista como Outro, não lhe pertence inteiramente, sua alteridade é inexistente e, conseqüentemente, sua sexualidade, quando não centrada na contemplação do homem, é ilegítima.

A questão do gênero e da sexualidade no cenário mundial se deu por meio do movimento de expansão de gênero, que abrange, ao longo da História, uma evidente dualidade entre o que é ser homem e o que é ser mulher, conforme narra Beauvoir (1970, p. 7):

HESITEI muito tempo em escrever um livro sobre a mulher. O tema é irritante, principalmente para as mulheres. E não é novo [...] E não parece que as volumosas tolices que se disseram neste último século tenham realmente esclarecido a questão. Demais, haverá realmente um problema? Em que consiste? Em verdade, haverá mulher? [...] não sabemos mais exatamente se ainda existem mulheres, se existirão sempre, se devemos ou não desejar que existam, que lugar ocupam no mundo ou deveriam ocupar”. “Onde estão as mulheres?” [...] Mas antes de mais nada: que é uma mulher?

Por meio de escritos como *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir nos anos 1970 e 1980, houve uma das maiores lutas do século passado para dar visibilidade às discussões sobre gênero e sexualidade, partindo da Europa e se estendendo para outros continentes. No Brasil dos anos 1970, grupos de militância homossexual passaram a ocupar espaços de discussões “[...] no embalo do grande

movimento de oposição à ditadura militar, trazendo à cena pública o anseio de que a homossexualidade, como toda forma de amor e desejo, pudesse ser vivida e exaltada sem restrições” (SIMÕES, in. FACCHINI, 2005, p.13). Nesse mesmo período, logo no final da década de 1970, um movimento de intelectuais assumidamente gays lança o jornal *Lampião da Esquina*, colaborando para a construção da identidade gay no Brasil.

A partir de então emergem nacionalmente uma série de pesquisas consideradas precursoras da temática gênero, sexualidade e diversidade sexual. Entretanto, esses estudos tinham como foco analisar e compreender como a “normalização”, dissociação de sexo biológico e social, vinham se construindo pelo viés das hierarquias. Os estudos sobre a homossexualidade vieram logo em seguida – aproveitando esse cenário de expansão dos estudos em alguns pontos acadêmicos como a Universidade de São Paulo, a Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, entre outros. Eles se concentravam principalmente na homossexualidade masculina e, somente anos depois, vieram os estudos voltados para a homossexualidade feminina. A priori, as pesquisas sobre a homossexualidade giravam em torno da religião e, em seguida, da saúde, estudos que associavam a homossexualidade ao pecado e a doença, respectivamente.

No campo da diversidade sexual, Judith Butler influencia estudos nos Brasil com a *teoria queer*, ao levantar uma discussão na academia sobre as múltiplas formas de viver a sexualidade, que não deve ser pensada pelos padrões heteronormativos. Segundo ela, discutir as formas distintas de orientação sexual e como cada sujeito se localiza no mundo a partir da sua sexualidade deve ser um parâmetro para pensar novas formas de relações sociais que passam pelo reconhecimento de subjetividades que rompem com a lógica binária (BUTLER, 2020).

Explicar as categorias fundacionais de sexo, gênero e de desejo como efeitos de uma formação específica de poder supõe uma forma de investigação crítica, a qual Foucault, reformulando Nietzsche, chamou de genealogia. A crítica genealógica recusa-se a buscar as origens do gênero, a verdade íntima do desejo feminino, uma identidade sexual genuína ou autêntica que a repressão impede de ver; em vez disso, ela investiga as apostas políticas, designando como origem e causa categorias de identidade que, na verdade, são efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos. A tarefa dessa investigação é centrar-se – e descentrar-se – nessas instituições definidoras: o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2020, p.9-10).

Esse movimento da *teoria queer* nasce também nas décadas acima descritas, mas ganhou uma maior notoriedade nos últimos 10 anos da história contemporânea. Ela procura esclarecer que o termo *queer* é um termo político que visa caracterizar a identidade de gênero e sexo pelo viés performativo, contrapondo-se à heteronormatividade como categoria exclusiva de compreensão da sexualidade humana. Ao buscar compreender as variações de

gênero, sexualidade e diversidade sexual, a perspectiva *queer* visa sempre desconstruir a heteronormatividade que segrega e se apropria da homossexualidade compulsória como massa de manobra que promove a invisibilidade das demais minorias sexuais.

Essa discussão permite que a sociedade que avance na dualidade de aceitação e compreensão da sexualidade humana, mas ainda há muitos que não aceitam aqueles situados fora da norma sexual vigente e compulsória. Ela questionava a “formulação de que a biologia é o destino”, apontando que

a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente tão fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo (BUTHLER, 2020, p.25-26).

Butler (2020) faz ainda um passeio pela construção teórica das questões de gênero e respeito à diversidade sexual e sustenta que a ideia de gênero perpassa a formulação teorizada da construção social da performance do sexo, corpo e gênero. Levando a descontinuidade da ideia de gênero *versus* biológico, a autora sustenta através do conceito de performatividade que a “[...] linguagem que se refere aos corpos ou ao sexo não faz apenas uma constatação ou uma descrição desses corpos, mas, no instante mesmo da nomeação, constrói, ‘faz’ aquilo que nomeia, isto é, produz os corpos e os sujeitos” (LOURO, 2004, p. 44).

Ela também discute o destino biológico, amplamente debatido na sociedade. A autora relata que a conceituação do destino biológico serve para problematizar a dualidade de forças que designa os corpos sexuados e normatizados, corpos aceitos pela sociedade, pois vivem segundo a ordem vigente, apresentando corpos construídos culturalmente, que rompem com a tradição hegemônica da sexualidade aceita e assumem uma postura contra a normatização sexual.

#### 4 Metodologia aplicada

Esta é uma pesquisa de natureza exploratória e analítica cujos sujeitos são os alunos com orientação sexual pertencentes à comunidade LGBTQIA+ que ingressaram no curso de LCH/Sociologia/UFMA/Imperatriz no ano de 2019. Para atingir os objetivos, foi realizado um levantamento de dados quantitativos e qualitativos por meio da análise da ficha cadastral de matrícula, questionário socioeconômico e educacional e entrevista semiestruturada.

No primeiro momento, foi realizado um levantamento da identidade de gênero dos estudantes através do cadastro de matrícula. O acesso a esse documento disponibilizado pela coordenação do curso possibilitou traçar um perfil preliminar dos participantes da pesquisa.

Posteriormente, foi aplicado um questionário impresso de múltipla escolha com questões sobre o perfil social, econômico, educacional e de



gênero. Através deste instrumento, foi possível identificar o público-alvo da pesquisa e direcionar as entrevistas com os participantes que estavam dentro do perfil de análise.

Considerando os dados do questionário, a entrevista presencial foi estruturada com duas questões abertas, uma sobre o processo de aceitação de cada um e outra sobre a compreensão de si a partir da orientação sexual no ambiente acadêmico. Para manter a privacidade dos entrevistados, foi feito um primeiro contato com os participantes através do coordenador da pesquisa para esclarecimento sobre o processo da coleta de dados.

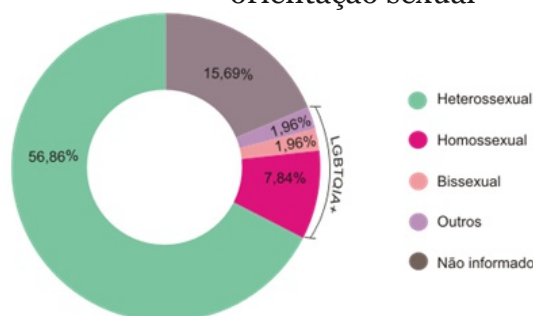
Os resultados do questionário foram tabulados através do gerenciador de banco de dados Access e as entrevistas transcritas para análise coletiva realizada no grupo de pesquisa mediante apresentação e discussão dos resultados.

## 5 Apresentação e análise dos resultados

A maioria dos participantes da primeira análise é do sexo feminino, com 62%, sendo os demais 38% do sexo masculino, quase todos oriundos de escola pública (92%). Muitos ainda moram com os pais (51%) e 60% dependem da renda familiar que gira em torno de dois salários-mínimos.

De acordo com o resultado do primeiro instrumento de coleta de dados, dos 43 participantes da pesquisa, 27 se declararam pertencentes ao sexo feminino e 16 ao sexo masculino. Dentre esses, no que diz respeito à orientação sexual, 1 (uma) se declarou lésbica, 2 (dois) bissexual, 2 (dois) gays e 8 (oito) não declararam sua orientação sexual. Os demais afirmam serem heterossexuais, como podemos verificar no gráfico abaixo:

**Gráfico 1** – Distribuição dos estudantes da turma 2019.2 por orientação sexual



**Fonte:** Dados da pesquisa (GEPEE, 2019).

Um dado interessante para a pesquisa foi que, dos entrevistados, 2 (dois) solicitaram sigilo total nas informações por não se sentirem seguros o suficiente para tornarem pública a sua orientação sexual, mesmo no espaço universitário. Isso reforça um dado relevante sobre o medo de exposição da comunidade LGBTQIA+ por conta de uma cultura de violência psíquica e física que muitos sofrem, tendo como espelho o número alarmante de homicídios de muitos homossexuais. Conforme dados do Grupo Gay da Bahia (OLIVEIRA, 2021), a cada

29 horas uma pessoa LGBTQ+ morre no Brasil, totalizando um percentual de 92% de homicídios e 8% de suicídio.

Segundo dados do questionário de caracterização do público-alvo, dos cinco (05) acadêmicos autodeclarados homossexuais ou bissexuais, 2 (dois) se declaram de cor branca e 3 (três) de cor preta/parda. Entre os participantes, 4 (quatro) cursaram o ensino médio em escola pública e 1 (um) em escola privada; 3 (três) residem em Imperatriz e 2 (dois) em cidades circunvizinhas. Todos informaram ter algum tipo de religião, 3 (três) católicos e 2 (dois) protestantes. Um outro marcador social que se destacou no levantamento dos dados foi a idade dos participantes, de 20 a 25 anos.

Dos 5 (cinco) participantes da primeira etapa, 4 (quatro) aceitaram participar da segunda fase da pesquisa, a entrevista. Não conseguimos contato com o quinto participante. Para assegurar o sigilo da pesquisa, os entrevistados serão identificados como M1, M2, M3, M4.

A primeira entrevista foi com M1, uma estudante com identidade sexual feminina, de orientação sexual lésbica, com idade de 20 anos, parda/negra e oriunda da escola pública. Indagada sobre como foi o processo de assumir a sua orientação sexual, a entrevistada manteve-se tranquila para responder à questão e assim esteve durante toda a entrevista. Questionada sobre como foi se assumir lésbica, destacou não ter sido uma experiência fácil tornar pública tal vivência subjetiva, principalmente pelo medo da não aceitação familiar. Relata:

Assim, sempre é difícil. Porque... tem o medo da rejeição; mas no meu caso, o difícil foi eu falar, mas quando eu falei, ficou tudo mais fácil. Até porque a minha família aceita. Pessoal bem tranquilo. Então o mais difícil foi dizer, ter coragem pra poder falar. Mas depois que falei, tipo, que saiu um peso, tipo, uma paz, sabe? (M1, Entrevista concedida no dia 19.11.2019).

No relato da entrevistada, a dimensão da socialização da sexualidade, inclusive no ambiente familiar, é um ponto relevante no processo de vivência da orientação sexual. A experiência com a sexualidade aparece marcada por um conflito em relação ao mundo exterior, associada ao medo da possibilidade da não aceitação de sua condição sexual no grupo de convivência. Tal realidade reforça as formas de sujeição já anunciadas por Foucault (1984), através dos diversos processos de sujeição dos sujeitos a uma subjetividade dócil às estruturas de controle da família, da igreja e do Estado. Neste relato, assim como nos demais, nos deparamos com essa realidade de sujeição pela moral religiosa, mas que os sujeitos, em um processo de liberdade subjetiva, encontram formas de ruptura para assegurar suas vivências subjetivas, superando o que Butler (2019) denomina de consciência culpada.

A associação entre rejeição e fala expressa na narrativa acima refletem traços de uma estrutura social de controle quando os sujeitos silenciam suas experiências subjetivas. A necessidade da participante de falar sobre si reforça o que Ortega y Gasset (1930) define como sendo uma necessidade vital para a vida humana. Um dos aspectos da fala é a conversa mediante a manifestação de ideias



entre os participantes em um determinado tipo de diálogo. Fica evidente no diálogo com a participante que o maior desafio enfrentado para viver a sua orientação sexual foi falar sobre sua própria vivência.

Questionada sobre a vivência de se assumir no ambiente universitário, afirma:

Não, não, super tranquilo, até porque eu me aceito. Se eu me aceito, obviamente, que eu não vou sentir nada contra mim. Desde sempre fui assumida. Desde sempre não, desde os 14. Eu nunca sofri esse tipo de preconceito por eu mesma me aceitar. Se eu negasse, obviamente que terei algum tipo de preconceito (M1, Entrevista concedida no dia 19 nov. de 2019).

Observamos na respectiva fala que a aceitação pessoal e a manifestação pública da orientação sexual asseguram o não reconhecimento de negativas sobre a sexualidade. Estendendo para o espaço universitário, a leitura que é feita no sentido de acolhimento ou recusa de si subjaz ao próprio processo de aceitação da sua condição sexual.

A segunda entrevistada, M2, com identidade sexual feminina, de orientação sexual bissexual, tem 18 anos de idade, de cor branca, mora com os pais, é oriunda de escola particular e é de religião evangélica. No início da entrevista, não parecia muito à vontade, mas foi ganhando confiança ao longo do diálogo. Indagada sobre como foi a experiência de se assumir bissexual, relatou:

Assim, não, não, eu sou bissexual. É... não foi tão difícil não. Para mim mesma. Não...ah eu não sei explicar, sério. Eu mesma, não fui influenciada, mas cheguei a influenciar pessoas a minha volta. Tive contato com várias pessoas bissexuais. Tem muita gente. Mas não são assumidas (M2, entrevista concedida no dia 21 de nov. de 2019).

O relato revela que o processo de aceitação de si não foi tão conflitivo e que ela lida bem com a sua orientação sexual, mas que o mesmo não acontece em relação à aceitação familiar. Lembra, em um dado momento da entrevista, que enfrentou resistência da família, chegando a ser expulsa de casa devido a sua orientação sexual. Pelo exposto, considerando o que foi vivenciado na vida social, o que prevalece é a consciência de si sobre a sexualidade.

Diferentemente do que ocorreu no ambiente familiar, a vivência da sexualidade no ambiente acadêmico é vista pela entrevistada como acolhedor. Relata:

Assim, para mim, foi mais fácil. Porque, por exemplo, na época da escola era bem assim, uau, meu Deus! Era coisa do outro mundo; e aqui as pessoas têm a mente aberta. Pelo menos agora, tenho amiga que é demisssexual, afinal tenho duas. Aqui é um ambiente mais acolhedor (M2, entrevista concedida 21 de nov. de 2019).

A compreensão vivenciada do espaço universitário aparece como sendo um lugar seguro para a livre expressão da comunidade LGBTQIA+, por conceber que

nesse espaço, as pessoas tendem a ser mais tolerantes com as diferenças sexuais e de gênero. Até o momento, a estudante afirma não sofrer nenhum tipo de violência física ou psicológica dentro da universidade, conformando sua vivência subjetiva com o ambiente de convivência social em que se encontra.

A participante M3, bissexual, tem 18 anos, mora em um município próximo a Imperatriz e é oriunda de escola pública. Atualmente está se relacionando com um rapaz. Ao longo da entrevista, demonstrou bastante interesse pelo tema da pesquisa e expôs com clareza as suas opiniões sobre as questões levantadas, como podemos observar na seguinte narrativa:

Eu não tinha noção de que poderia gostar de uma menina. Porque, na minha visão, ter sido criada na igreja desde criança, eu não poderia gostar. Então aquele discurso, ah, mas o corpo dela é bonito. Mas eu queria ter um desse, mas no caso de estar namorando uma mulher. Então no segundo ano do ensino médio que eu comecei a perceber que aquele jeito que olhava para as mulheres era diferente que as minhas amigas olhavam. E eu tinha muito medo de falar para minha amiga que eu gostava de mulher. Porque ela poderia pensar que eu estava gostando de “mim”. Não, não, quero ficar com você. Só quero dizer que gosto de mulher e ela sempre soube que foi bem evangélica. E até hoje somos muita amiga. E ela entende que eu posso gostar de mulher e de homem e inclusive namoro atualmente, namoro um menino. Só que até eu ter uma coragem para falar pra ela que eu gosto dos dois. Eu primeiro conversei com algumas amigas sobre LGBT, o que elas achavam, e as mesmas tinha um preconceito pesado, e me afastei dessas pessoas e fiquei com as pessoas que tinha comentário mais ou menos razoável, que poderiam me aceitar. Então, parei de falar com e comecei a contar um por um, devagarinho. Para quem eu confiava mais; inclusive, minha mãe não imagina. E o meu pai imagina um pouco. Minha mãe de criação (entrevista concedida no dia 21 de novembro de 2019).

O processo de descoberta da orientação sexual acompanha uma realidade comum aos indivíduos de orientação homossexual ou bissexual, que é o medo de manifestar publicamente suas preferências sexuais por causa de represálias homofóbicas. Esse medo é reforçado pela forma como a sociedade julga os sujeitos que vivem realidades fora dos padrões morais, principalmente religiosos, carecendo de um ambiente aberto ao diálogo e de relações que acolham os indivíduos independentemente de suas particularidades.

A última entrevista foi realizada com M4, de 20 anos de idade, acadêmico habitante de uma cidade vizinha a Imperatriz, oriundo de escola pública, negro/preto, católico e que atualmente reside com família. Mesmo aceitando o convite, o entrevistado demonstrou bastante nervosismo e insegurança ao falar da sua sexualidade.

Indagado sobre os desafios de se assumir gay, afirma:

É, não encontrei dificuldades nenhuma nessa questão. Mas já entendia mais ou menos um pouco de família tradicional, tudo mais. Desde criança sempre soube, mas sempre teve aquela repreensão muito grande, principalmente do meu pai. Passei por dificuldade. Com o tempo, fui aprendendo a lidar mais com isso. Com os pais, tive dificuldades, mas foi

com a questão dentro de casa. Eu nunca falei abertamente para pessoas que eu sou homossexual. Mas eu creio que as pessoas percebem. Mas grande dificuldade não percebi não. Essa questão mesmo foi com o passar do tempo mesmo pesquisando na internet, no YouTube. Fui vendo que não era um erro. Que não era um grande erro; não deveria me condenar por conta disso (M4, Entrevista concedida 27 de nov. de 2019).

Na narrativa do entrevistado, destaca-se inicialmente a sexualidade como um problema para o próprio sujeito no sentido de viver uma situação conflitiva entre a consciência de si e as performances instituídas dentro de um padrão heteronormativo, conforme apontam Beauvoir (1980) e Butler (2003). Aquilo que esse sujeito compreende de si diverge das expectativas de compreensão familiar em relação ao modo de ser desejado por seus familiares. Isso pode ser observado na referência à figura paterna que reforça uma postura de repressão a qualquer manifestação de sexualidade que esteja fora dos padrões heterossexuais.

Ele relata inclusive a vivência do processo de silenciamento que é comum aos sujeitos que estão em situação de negação. O não falar passa por reconhecer a hostilidade social frente à verbalização da condição desse sujeito, mesmo quando a consciência de sua condição sexual passa pela suspeita do reconhecimento social da sua vivência subjetiva. Tal relato corrobora o que Louro (2000) aponta quando identifica as diversas maneiras de se fazer mulher ou homem, assim como as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais sugeridas, anunciadas e promovidas socialmente.

O fator central desta análise aparece nos espaços de diálogo e esclarecimento encontrados pelo sujeito entrevistado que pode ser estendido para muitos que vivenciam silenciamentos e privações de liberdade nas tentativas de dialogarem com as pessoas que fazem parte do seu espaço de convivência. Acerca deste último depoimento, vemos que, para a geração do entrevistado, a cultura do acesso à informação aparece como sendo um canal de esclarecimento para algumas questões subjetivas da vida sexual. A falta de uma orientação direta, ou até mesmo o tabu familiar em abordar abertamente o tema, cria um ambiente propício para que esses sujeitos busquem maior esclarecimento através das mídias e até mesmo das redes sociais, construindo relações que ultrapassam as limitações geográficas. Ao mesmo tempo que revela novas possibilidades de comunicação, reforça as causas desse rompimento de fronteira pelo medo da reprovação e repressão direta no ambiente de convivência.

Questionado a respeito de como se compreende na vivência da sua sexualidade dentro do espaço universitário, responde:

[...] Uma pessoa normal. Normalmente, como qualquer outro aluno que encontra dificuldades nessa questão. Eu nunca falei para ninguém. Mas eu não sei... Algum ou outro deve perceber. Eu, com a turma em si, eu não tenho muita relação, então... Alguns posicionamentos meus a maioria não gosta; algumas discussões. Mas por conta disso nunca falei para ninguém. Preconceito, não. Nessa parte de ser agredido verbalmente, não. Na escola sofria bullying por ser afeminado, trejeitos. Mas nunca sofri preconceito de ser xingado na rua ou agredido na rua (M4, Entrevista concedida no dia 27 de nov. de 2019).

Um elemento de análise que enriquece a discussão e nos lança a outras possibilidades de pesquisas está no relato de história de vida do entrevistado que marca a sua vivência da sexualidade durante sua vida escolar. Ser afeminado justifica um discurso de violência que na literatura científica brasileira passou a ganhar notoriedade nas pesquisas educacionais através de estudos sobre bullying. Reportando-nos ao conceito, o termo representa “[...] abuso de poder físico ou psicológico entre pares, envolvendo dominação, prepotência, por um lado, e submissão, humilhação, conformismo e sentimento de impotência, raiva e medo, por outro” (RISTUM, 2010, p. 96). A sexualidade tem sido, desde os séculos passados, causa de discursos e práticas de silenciamento e dominação, como podemos acompanhar através da análise sócio-histórica na obra de Foucault (1985;1988).

Retomando a narrativa do entrevistado, observamos uma subjetividade marcada por uma trajetória social de negação do que essa mesma subjetividade expressa, sendo o corpo um lugar de desejo e privação. Tal vivência se estende ao espaço da universidade quando o mesmo sujeito entende que sua subjetividade é capturada em performances que avaliam o masculino pela lente do binarismo e da heterossexualidade. Mesmo não transformando em discurso o que está em consciência, o entrevistado se compreende enquanto um corpo que se revela mesmo quando a sua sexualidade não faz parte das suas narrativas vivenciais.

Em quase todos os relatos que acompanhamos, as narrativas revelam um processo de possível naturalização da condição em que se encontram, por vivenciarem, nas relações sociais, uma estrutura de diálogo contrária a vivências homossexuais, mesmo que muitas vezes aconteça de forma velada. O pertencimento à religião cristã aparece como um dos pontos fortes nesse processo de socialização, porque a homossexualidade ainda é um tabu no ambiente religioso. A moral e o julgamento social ainda são cruciais para os diversos silenciamentos das vivências da sexualidade humana.

### **Considerações finais**

Seguindo o que temos acompanhado nas produções de referência sobre o tema da sexualidade, de modo particular ao buscarmos analisar a vivência da orientação sexual na relação com os ambientes sociais significativos à formação da subjetividade dos entrevistados, consideramos que a discussão feita por Butler sobre a ruptura do binarismo da sexualidade e de toda a estrutura de controle da subjetividade humana por meio das instituições ainda é necessária, pois os mecanismos de controle ainda estão presentes, mesmo quando se analisam ambientes formalmente reconhecidos pela livre expressão de ideias e pensamento, como é o caso da universidade.

Nas narrativas analisadas, constatamos que o ambiente universitário, diferentemente do ambiente familiar, é reconhecido como um espaço de aceitação em que os sujeitos se veem livres para falar sobre a sua sexualidade sem medo de sofrer algum tipo de perseguição. No entanto, cabe destacar que, mesmo partindo desse tipo de reconhecimento, a postura frente à convivência social

dentro desse mesmo espaço não acontece pela livre manifestação da orientação sexual, sendo condicionante para a pesquisa manter o sigilo total de toda e qualquer informação para que não se torne pública a condição sexual em que se encontram. Não cabe aqui nenhum tipo de avaliação sobre esses sujeitos, apenas o destaque das contradições no processo de compreensão do espaço e da manifestação das experiências subjetivas.

Contudo um fenômeno fundamental observado na entrevista é a manifestação de estudantes autodeclarados homossexuais, sendo uma realidade crescente no ambiente universitário. Tal realidade é um reflexo da comunidade homossexual brasileira cujos membros, cada vez mais se declara, gay, lésbica, bissexual ou qualquer outra forma de manifestação da orientação sexual, mesmo vivenciando uma escalada crescente de instituições religiosas cristãs que se contrapõem a manifestações homossexuais. Nesse contexto, o Brasil segue avançando nos movimentos de luta e na presença cada vez maior de corpos livres das castrações conservadoras da família, da igreja e do Estado.

Para os acadêmicos entrevistados, o mais importante em todo o processo de reconhecimento da vida sexual é a aceitação de si, por si mesmo e pelos que são relevantes no seu ciclo de relações sociais. A família ainda aparece como espaço vital no processo de compreensão de si. Romper com as limitações de compreensão de sua condição em que sujeitos homossexuais vivem é desafio necessário ao núcleo familiar para que o sujeito se reconheça com liberdade a partir do que se impõe subjetivamente na identidade e na orientação sexual.

Além disso, pensar a universidade como espaço de liberdade para esses sujeitos é reconhecer um palco de luta contra preconceitos e qualquer tipo de concepção que descaracterize a singularidade dos sujeitos em suas diversas formas de vida.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1970. V.I

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: experiência vivida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980. V. II.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 20020.

FOCAULT, Michel, 1926-1984. **História da sexualidade: o cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOCAULT, Michel, 1926-1984. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e Sexualidade**. Florianópolis: UFSC, 2012.



LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista** Guacira Lopes Louro. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997, p. 14-36.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SIMÓES, J.A. *In*. FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990**. Rio de Janeiro: Garamond, 1990.

ORTEGA Y GASSET, J. Porque se vuelve a la filosofia (1930). *In*: ORTEGA Y GASSET, J. **Obras Completas**. Taurus: Barcelona, 2017. V.3.

OLIVEIRA, Domingos. **Relatório do grupo gay da Bahia, 2021**. Disponível em: [https://grupogaydabahia.com/2022/02/24/mortes-violentas-de-lgbt-no-brasil/Grupo Gay da Bahia \(2020\)](https://grupogaydabahia.com/2022/02/24/mortes-violentas-de-lgbt-no-brasil/Grupo%20Gay%20da%20Bahia%20(2020)). Acesso em: 24 fev. 2022.

RISTUM, M. Bullying escolar. *In*: ASSIS, SG., CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ., (Orgs). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores [online]**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2010, pp. 95-119. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575413302>. Acesso em: 01 jan. 2021.